



INFÂNCIAS NAS MEMÓRIAS DE EDUCADORAS: EXPERIMENTAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**MOREIRA, Esp. Marcéli Coelho¹; MEDEIROS, Ms. Rita de Cássia Tavares²;
FIGUEIREDO, Dr. Márcio Xavier Bonorino³**

¹Grupo de Pesquisa Cultura, Infância e Educação Infantil - GPCIEI – E-mail: cmarceli@rocketmail.com - ² GPCIEI - E-mail: redefreinet@hotmail.com - ³ GPCIEI - E-mail: bonorinosul@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma experimentação teórico-prática com educadoras das Infâncias. O importante nessa matriz é a vivência e a re-criação do universo da infância nos patamares da lembrança individual e coletiva e, também, de vivências do tempo presente. A pesquisa tem como objetivos: - refletir sobre os debates em torno das culturas da infância; - levantar questões pertinentes às concepções de infância¹ e criança². O material utilizado para a pesquisa foi digitalizado em CD-ROM, e com ele podemos transitar entre o tempo e espaço de vidas e formação de educadoras infantis, segundo o registro de suas bagagens³, trazidas pela memória de cinquenta e nove alunas do Curso de Especialização em Educação Infantil, da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Trabalhar com a memória dos educadores e educadoras, visualizando a subjetividade dos processos de formação pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos na pesquisa, permite-nos ensaiar um método (auto) biográfico, no qual a história de vida na modalidade oral, escrita, pictórica, etc. seria uma parte do mesmo. Portanto, é nesta perspectiva que um dos momentos significativos deste trabalho, traz à tona as lembranças de momentos inesquecíveis do brincar e traduz em culturas das mais diferentes em épocas distintas a função e o papel que o brincar tem na produção da infância, com as influências do mundo que os adultos “escolhem, preparam e tentam definir”

¹ Infância sobre histórias de vida que são adaptadas à perspectiva da infância durar a vida inteira, pois abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria (Josso, 2004)

² Criança é, aqui, conduzida a manipular uma imagem de si mesma, transposta para um mundo diferente ao qual pode dar vida e com o qual pode se identificar ao mesmo tempo (Brougère, 1997, p. 46)

³ Bagagem experimental na formação: uma atividade de indivíduo sobre ele mesmo. (Josso, 2004)

para as crianças. (Sarmiento, 1997). Por isso, ainda queremos investir no trabalho de formação das educadoras, tendo como gênese a (auto) biografia das infâncias, compreendidas por nós como mola propulsora, impulso e modo reflexivo de estar envolvido com a educação em difíceis tempos.

Nesse sentido, Portelli (1997, p.16) advertiu que:

A memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são- assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

Nessa direção as educadoras são aprendizes de uma cultura do esquecimento, que precisa ser provocada, para que possam ser percebidos os caminhos das infâncias e para que as educadoras possam compreender a partir de suas narrativas as diferenças, semelhanças, as distâncias e as aproximações entre as infâncias vividas e as infâncias de hoje. Então, ao buscarmos as memórias das Infâncias procuramos, também, as culturas lúdicas que imprimiram significação ao ato de sermos crianças e assim nos distinguirmos dos adultos. Reafirmamos a inventividade, a imaginação como marcas indelévels desta cultura lúdica infantil: a infância é também aquilo que as crianças transformaram daquilo que os adultos destinaram a elas, é por essa razão produção e reconstrução das culturas prévias e das culturas vindouras. (Brougère,1995).

Outro aporte teórico para a construção de nossa experiência vem de Walter Benjamin (*apud* Galzerani 2002, p.63), com sua referência ao papel de reconstrução do passado enquanto ação para mudanças no presente. Trabalhar com registros das narrativas (orais, escritas, gestuais, pictóricas, midiáticas e outras), dentro de uma perspectiva benjaminiana, faz-nos ver o passado como um momento vivo, passível de ser refeito e no qual o sujeito tem um papel fundamental, que lhe permite refazer o passado, interligando-o e mudando o presente.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Tornar-se adulto é também deixar de cultivar histórias que nos ligaram aos universos infantis é, de certa forma, abandonar aquilo que nos ensinou a Infância. No nosso entendimento, tornar-se educadora da infância são compartilhar as memórias desses momentos e trazer à tona as velhas questões que nos faziam crianças e nos distinguiam dos universos adultos. O adultocentrismo é uma das características mais marcantes das propostas pedagógicas. Os programas, os planos governamentais de altas soluções sobre a Infância, trazem resoluções sobre a criança, não com as crianças. Isso não precisa ser recuperado, mas precisa ser construído nas escolas e em outros espaços educativos. A possibilidade de narrar suas histórias de vida, de trazer experiências (figura 1) que refletem comportamentos, padrões, valores, posturas, são os nossos primeiros saberes construídos sobre a docência e no caso das educadoras das infâncias são construções sobre a sua maneira de viver a criança que foi, e as representações sobre as crianças com as quais trabalha.



Figura 1: objetos trazidos pelas educadoras-‘mobilizadores da memória do brincar’

Isso nos remete também a criar um espaço de negociação e aprendizagem coletivas. Quando nos colocamos a ouvir o outro, também nos colocamos a aprender com ele ou com elas (Freire, 1979), melhor dizendo quando se fala em educadoras da infância. As escolhas, as histórias vão se entrelaçando e constituindo uma espécie de mapa sobre as trajetórias que as educadoras tiveram em suas infâncias. A proposta de usarmos diferentes linguagens para a (auto) formação de educadoras também nos remete a Freire (1979, p.56):

Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo: não é preciso esperar que o mundo mude para se mudar a linguagem. A incontinência verbal, o palavreado irresponsável são um equívoco, não tem nada a ver com uma compreensão correta da luta. Suas conseqüências apenas retardam as mudanças necessárias.

A vivência de contar sua história de infância incorpora aí os elementos coletivos que realimentam a experiência que ilusoriamente, parecia ser apenas individual. (Freinet, 1975). As narrativas escritas⁴ também têm espaço nas lembranças:

Na casa fechada com pátio grande podia soltar os animais pelo pátio. Os animais que mais brincava: gatos, coelhos, galinhas, porquinho da índia, cachorros e cocotas. Na infância desejava cursar o magistério. **Sente que a tarefa de professora serve de antídoto contra o envelhecimento:** Diz que trabalhar com a infância mantém viva a nossa própria infância.
(Fragmento memória da prof^a. A)

Os brinquedos que mais gostava: pião, urso, carrinho, de encaixe, dominó, lápis de cor, violão, caixa de surpresa (e esta com palhaços). Rei e rainha, cadernos educativos de ligar figuras com palavras. Mais brincadeiras, em figuras: pandorga, roda, sapata. Mais figuras de cachorro, bicicleta, boneca, de aprender números no quadro-negro, de roda na Escola e na calçada da rua. E de encaixe com materiais plásticos.
(Fragmento memória da prof^a. B)

Deu-se conta que na verdade nunca podemos nos deixar de sermos crianças em alguns aspectos da nossa vida. As crianças sonham sem saber se vai concretizá-los. E são felizes por nunca pensarem se vai ou não concretizar. A criança faz o que lhe dá prazer, e são felizes nisso. Existe amizade entre as crianças, mesmo que

⁴ Começamos o trabalho com uma escrita decorrente de uma tarefa: “Escrevam um Livro da Vida (Freinet, 1975; 1976) de suas lembranças mais marcantes da Infância. Transforme-o num presente, embrulhe e traga para nosso encontro.” As educadoras recebem a tarefa com certa desconfiança, medo de não saber realizar a tarefa, dúvidas sobre o certo e o errado.

briguem. Os adultos deixam de serem felizes, pois esquecem o lado de criança, em como se era criança e tudo o que nela vivemos.
(Fragmento memória da prof^a. C)

4. CONCLUSÕES

Nessa atividade, temos como desafio trabalhar as questões da Infância: Como a infância se constituiu historicamente como categoria social e cultural, quais as características do universo infantil contemporâneo e de como podemos reverter as nossas concepções da infância como um período áureo da vida, com características homogêneas, para infâncias plurais, contextualizadas num tempo e espaço. Sarmiento (2007, p.29), ao se referir à diversidade das concepções de infância no mesmo espaço cultural, salienta:

O estudo das concepções da infância deve, por isso, ter em conta os fatores de heterogeneidade que as geram, ainda que nem todas se equivalham, havendo sempre, num contexto espaço-temporal dado, uma (ou, por vezes, mais do que uma) que se torna dominante. O Estudo dessas concepções, sob a forma de imagens sociais da infância, torna-se indispensável para construir uma reflexividade fundante de um olhar não ofuscado pela luz que emana das concepções implícitas e tácitas sobre a infância.

Em noventa por cento das memórias (aqui estamos trabalhando com 59) as educadoras utilizaram a fotografia dos álbuns de família para ilustrar o livro. Aparecem os batizados, as festas familiares, as clássicas fotografias escolares ao lado do globo, tendo como fundo a bandeira brasileira. Tudo isso em épocas bastante distintas, do século XX, porque temos grupos de idades bem diferenciadas, dos vinte e um aos cinquenta e sete anos. Mas o destaque é para o brincar e os brinquedos.

É Bosi (1995, p.83) quem nos presenteia com uma reflexão final:

A criança sofre, o adolescente sofre. De onde nos vêm, então, a saudade e a ternura pelos anos juvenis? Talvez porque nossa fraqueza fosse uma força latente e em nós houvesse o germe de uma plenitude a se realizar. Não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo. E assim foi o primeiro encontro da criança com o mar, com o girassol, com a asa na luz. Ficou no adulto a nostalgia dos sentidos novos.

Por tudo isso, ainda desejamos investir no trabalho de formação das educadoras, tendo como gênese a (auto) biografia das infâncias, por nós compreendida como mola propulsora, impulso e modo reflexivo de estar envolvido com a educação em difíceis tempos

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, E. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREINET, C. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa Editorial Estampa Ltda., 1975.
- _____. **O texto livre**. Lisboa, Dinalivros, 1976.
- FREIRE, P. **Educação Como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- FIGUEIREDO, M.X.B. e CAETANO, L. (org) **A Infância Dura a Vida Inteira**. .4 ed. Pelotas, Lia Raro Editora e Mídia, 2008.

FIGUEIREDO, M.X.B.; Rigo, L.C.. Memórias das Infâncias: no processo de formação das educadoras. In **Pensar a Prática**. Goiânia. Revista da UFG, n.11(1 4 12 2008.).

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: Ana Lúcia Goulart de Faria; Zeila de Brito Fabri; Patricia Dias Prado. (Org.). **Por uma Cultura da Infância: Metodologia de Pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002, v. 1, p. 49-68.

JOSSO, M.. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PINTO, M. SARMENTO, M. J. (Coords.). **As crianças – Contextos e identidades**. Braga Codex, Portugal: Bezerra, 1997.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo: Educ, nº 15, 1997.